

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Hoje em Dia (M. 6)

Class.: Semana do Índio

Data: 18 de abril de 1989

Pg.: 135

190

Dia de Índio

O Brasil comemora este mês o Dia do Índio. Momento de reflexão, principalmente quando os índios brasileiros, representados pelo cacique Raoni, vão à Europa, como há 400 anos atrás, são recebidos pelo governante francês e denunciam a situação da ecologia e a sua própria no país. Habitantes privilegiados de Pindorama, em uma situação que durante todo o período do Brasil Colônia os colocou sempre entre o português e os invasores holandeses e franceses, os indígenas foram dizimados lentamente pela falta de uma política que conservasse suas terras e pelas doenças do homem branco, aliadas estas causas aos conflitos com posseiros e grileiros, e a indiferença do Estado.

A questão indígena ganha relevância hoje num momento em que o Brasil é execrado em todo o mundo como um vilão, por destruir a ecologia amazônica e todo o seu ecossistema, com as queimadas, o desmatamento e obras que não se integram ou respeitam o meio ambiente, aumentando ainda mais a sua destruição. O índio, na visão romântica que a sociedade dele faz, é o herói ideal do convívio harmônico com a natureza, uma visão sadia, em que a integração com o meio ambiente registra o grau de compreensão do papel do indivíduo na manutenção das relações equilibradas com a natureza. Uma visão que peca por não estabelecer uma política de desenvolvimento para as áreas e reservas indígenas que efetive a preservação de suas culturas e valores, respeitando suas tradições e sua história.

A reflexão deve ser feita em função do desrespeito, das invasões promovidas por grileiros e posseiros que terminam em mortes e com a perda pelos indígenas de suas terras. Vence sempre o mais forte. As representações no parlamento não conseguem modernizar as leis que tratam do problema. Os órgãos oficiais, encarregados de fazer cumprir a legislação pertinente às questões indígenas, sofrem do anacrônico mal do burocratismo e da permanente falta de condições e de equipamentos para a fiscalização. E têm de enfrentar os empresários, que avançam sobre as terras e reservas e colocam, pelas ar-

timanhas e meandros do Direito, a Justiça a defendê-los.

Não se pode esquecer que a comunidade internacional, tendo como trampolim a problemática da Amazônia, utilizará dos recursos disponíveis para denunciar os crimes contra o povo indígena no Brasil. O reconhecimento de que a sociedade deve um tratamento digno a eles, e que falta uma política que especifique transparentemente o relacionamento com aquelas nações, deve ser seguido de debates e informação aos não-índios. A educação será o esteio que garantirá a sobrevivência e a perpetuação destas nações.

Não faltam os que acusam os brasileiros de genocídio contra o povo indígena. Um genocídio também cultural nos casos de sobrevivência de representantes das diversas nações. Os direitos e as terras indígenas devem ser preservados, juntamente com a atenção a ser dada às suas manifestações culturais. Antes que façamos o funeral do último representante da última tribo.

A pobreza, as doenças, o analfabetismo são comuns nas sobreviventes nações. O contato com o homem "civilizado" é pestilento para o índio, que se acultura mas não se integra, pois o preconceito social e racial permeia as relações da sociedade com eles. Condenados à marginalidade, decaem pelas posições sociais, convivendo com os brasileiros que vivem abaixo da linha de pobreza definida pelas organizações internacionais de desenvolvimento.

O país carrega o fardo da responsabilidade para com os índios e deve assumir o seu papel, com uma política que os promova à cidadania e não imprima o selo da selvageria do acultramento em detrimento dos valores, conhecimentos e a tradição das nações. Num momento em que a ecologia se torna bandeira de políticos e até causa nacionalista, repensar a prática das relações com os indígenas faz parte do jogo democrático que se instaurou nos diversos segmentos sociais, na busca da identidade nacional e do desenvolvimento das potencialidades do país. Todo dia é dia de índio.

Há interesse pela questão indígena?

CARLOS RHENCK



JOSÉ PORFÍRIO DOS SANTOS NETO
DO PROJETO CURARE

"Dia do Índio? Bem, isso não tem qualquer significado para ele. É criação da sociedade ocidental branca. Pude notar esse fato nas aldeias de Minas, onde trabalhei no Projeto Curare (curare é uma palavra indígena e significa uma mistura de raízes que cura muitos males), formado por profissionais liberais como médicos, odontólogos, artistas e jornalistas. E no ano passado, na Funai, em Rondônia, ao servir ao Posto Indígena Lambiquara.

Estamos vendo, no Brasil de hoje, que a questão do índio em nada difere das demais questões nacionais. As assembleias dos indígenas também existem, só que os índios não legislam no papel. Sua prática política vem de séculos e séculos e continua sendo grande exemplo para o branco. O índio, por exemplo, trabalha com invejável alegria.

Ao levarmos medicamentos e implementos agrícolas para nações indígenas, verificamos que o cacique é um comunicador social. Deles podemos tirar o exemplo de luta e de uma vida tranquila em sociedade. Não querem ser adorados nem guardados em redomas de vidro.

É a reflexão que devemos fazer sempre em relação aos índios."

PAULO MÁRCIO



GERALDA CHAVES SOARES
MOROU COM OS MAXAKALIS DE 80 A 86

"Sobre a questão indígena, é importante não vermos o problema de forma isolada, porque a atual situação dos quatro povos de Minas Gerais está ligada à história da ocupação dos territórios indígenas que existiam antes. A sede dos minérios e as fazendas de gado dizimaram cem nações indígenas. Isto foi facilitado também pela ocupação militar das regiões e, de uma certa forma, pela catequese etnocida", que destruíram a cultura. Os dois não foram os únicos, mas contribuíram para este extermínio.

O Vale do Rio Doce, durante 13 anos, foi palco de uma guerra oficial decretada contra os índios Botocudos e logo depois veio o aldeamento dos que restam destas guerras, que atingiram também os vales do Mucuri, Jequitinhonha e São Mateus. No Triângulo, os Caiapó resistiram durante 50 anos e no São Francisco, vários povos, entre eles o Xacriabá, sofreram impacto das fazendas de gado.

Os Maxakali, Krenak, Xacriabá e Pataxó são hoje os heróis na criação de formas de resistência. De uma certa forma, o que ocorre no Calha Norte, no Norte do país, provocando o genocídio dos Yanomami, repete a estratégia do Governo com a ocupação militar dos territórios indígenas, nos séculos passados."

WESLEY RODRIGUES



ROMEU SABARÁ
ANTROPÓLOGO — UFMG

"A questão da existência de grupos indígenas em Minas Gerais é muito pequena abrangendo três focos de reserva: os Machacalis, Xacriabás e Krenaks. Todos eles são área de conflito. O processo de extinção foi muito violento devido ao povoamento acelerado no período colonial. Quando começou a se implantar a política protecionista dos grupos tribais, os nossos já tinham sido extintos, restando só estes três grupos.

Os índios são tão descaracterizados que têm dificuldades de convencer que são índios. Onde eles estão procuram difundir a imagem de que eles não são índios. Então, os índios mineiros, exceto os Machacalis, vivem um problema de crise de identidade. A defesa deles como índios fica dependendo da capacidade de mobilização de um grupo reduzido de pessoas dos grandes centros.

O recente julgamento do caso da chacina dos Xacriabás em Minas foi um fato de grande significação em termos de defesa de justiça indígena. Acho que um dos grandes problemas é que a Universidade Federal, que é o maior centro de formação acadêmica no Estado e de grande importância para o Brasil, até hoje não se dignou levar a sério a questão indígena e completar um bom trabalho nessa direção. O dia do Índio está passando em branco."

PAULO MÁRCIO



FÁBIO MARTINS VILLAS
VICE-PRESIDENTE DO CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO (CIMI)

"O Comitê de Apoio aos povos Maxakali e Krenak está na luta destas duas nações. Há bastante tempo estão reivindicando áreas e ambos têm uma proposta de solução.

Para os Maxakali, a luta é a reunificação das áreas Água Boa e Pradinho com a consequente retirada dos fazendeiros. Somente a partir desta providência será possível um relacionamento mais harmonioso dos índios com a sociedade brasileira, onde a perspectiva da integração deste povo seja substituída por um reconhecimento e incentivo de sua identidade étnico-cultural própria. Na questão dos Krenak, foi impetrado pela Funai, contra o Estado de Minas Gerais e 59 fazendeiros, uma Ação Declaratória de Nulidade de Títulos que está tramitando no Superior Tribunal Federal com muita morosidade. Os estudos do acordo proposto pelos índios Krenak, de redução de suas terras de 3.983,09 hectares para 1.806 hectares, já foram concluídos pela comissão formada pela Ruralminas, Incra, Funai e o extinto Mirad. O que resta agora é a decisão política para sua concretização.

A agilização desta decisão nos parece o caminho mais adequado para pôr fim a este problema tão angustiante para o povo Krenak."